

Em 1710, sempre sob a alegação de despesas de guerra, foi instituída a dízima.

Na verdade, até o fim do Antigo Regime, persiste a opinião de que só a guerra legítima verdadeiramente o impôsto.

Neste contexto, compreender-se-á que o Costume e a doutrina oficial autorizavam o direito aos protestos, quando as circunstâncias mudavam e a carga fiscal permanecia inalterável.

Para o Autor essa hostilidade teria deixado vestígios que até hoje perduram. Com o correr do tempo, a progressão na concepção do papel social do Estado deu ao problema do sistema fiscal um sentido completamente diferente. A opinião, ao menos a mais esclarecida, não contesta a sistema fiscal em si, mas a repartição da carga fiscal e sua aplicação.

No entanto, em pleno século XX, o camponês francês se faz pobre ante o recebedor do Estado, ainda que tal atitude seja inócua, de vez que este último não é o responsável pela fixação das quotas fiscais.

Poder-se-ia perguntar se a hostilidade que caracterizou o comportamento francês ante o impôsto sob o Antigo Regime foi um traço específico da França ou se era encontrado em todos os grandes Estados monárquicos da Europa moderna.

Hicker conclui que se trata de um traço francês e que a reação de outros países (entre os quais cita Espanha e Inglaterra) é fundamentalmente diferente. Nenhum apresentou motins anti-fiscais com a constância e determinação demonstrada pelos franceses.

Tais idéias, seguindo o plano da Coleção *Questions d'Histoire*, são expostas na primeira parte do livro, dividida em cinco capítulos.

A segunda parte transcreve documentos e problemas relativos ao assunto em questão.

Bibliografia, glossário, índice de nomes geográficos e de pessoas, completam este estudo que vem enriquecer os conhecimentos já existentes sobre a História da França.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ.

* *
*

MAURO (Frédéric). — *Histoire de l'économie mondiale de 1790 à 1970*. Éditions Sirey. Paris. 1971. 436 pp. 64 F (70 F franco).

Entre 1790 e 1873, a Europa foi não somente absorvida pelas revoluções políticas, mas também por uma profunda transformação econômica que exauriu grande parte das suas forças e a obrigou a renunciar a suas ambições coloniais do século XVIII.

Nesse período, o mundo foi muito pouco modificado pela Europa. Mas entre 1870 e 1914 a Europa, possante e equipada, lançou-se à conquista comercial e financeira do mundo. Depois, ocupada novamente consigo própria e com seu demônio familiar, a guerra (1914-1918), perdeu sua preponderância.

Em 1945, a Europa foi substituída na liderança do mundo pela América, isto é, os Estados Unidos. Desde então, procurou liberar-se de dois monstros: os EE. UU. e a U.R.S.S. que disputam entre si a hegemonia mundial. Mas a Europa também não pertence ao Terceiro-Mundo, cuja vez chegou.

O Autor nos faz entrar nessa dialética planetária através das flutuações das conjunturas nacionais e internacionais, a maior ou menor termo. Mostra como essas conjunturas levam a mudanças de estruturas ligadas a essa geografia da dominação. Adepto da história quantitativa, ele evita usá-la muito numa obra destinada a estudantes e a um público culto que se supõe, pelo menos, estar ao corrente das bases essenciais da teoria econômica.

Os capítulos do livro estão assim distribuídos: A Europa, 1700-1873; O Mundo, 1790-1870; A Europa e o Mundo, 1870-1914; O recuo da Europa, 1914-1945; A América e o Mundo, 1945-1970. Tabelas estatísticas e Bibliografia.

E.S.P.

* *
*

MARCÍLIO (Maria Luiza). — *La Ville de São Paulo. Peuplement et Population (1750-1850), d'après les registres paroissiaux et les recensements anciens.* Prefácio dos professores Michel Fleury e Louis Henry. Publicação da Universidade de Ruão. Faculdade de Letras e Ciências Humanas. 1968. 247 pp., 8 cartas, 37 gráficos (Tese de doutoramento).

Ensaio de síntese ecológica, tomando a expansão urbana de São Paulo, entre 1750 e 1850, como exemplo. A Autora focaliza detidamente esse período, porque o considera um “exemplo-padrão” do crescimento “positivo” da população paulistana, no qual esteve particularmente interessada.

Embora o período estudado seja uma época histórica, esta Tese é antes uma obra sociológica, do que histórica. História no caso refere-se unicamente à preferência, por parte da Autora, pelo período supra-citado em oposição aos nossos dias. A prova do que afirmamos está em que a etapa menos feliz, de toda a obra, é o III Capítulo, da Primeira Parte, em que foi tentada uma síntese informativa da História de São Paulo. A Autora tem dificuldade em conceituar corretamente “o Município Paulista” segundo o uso do século XVIII.